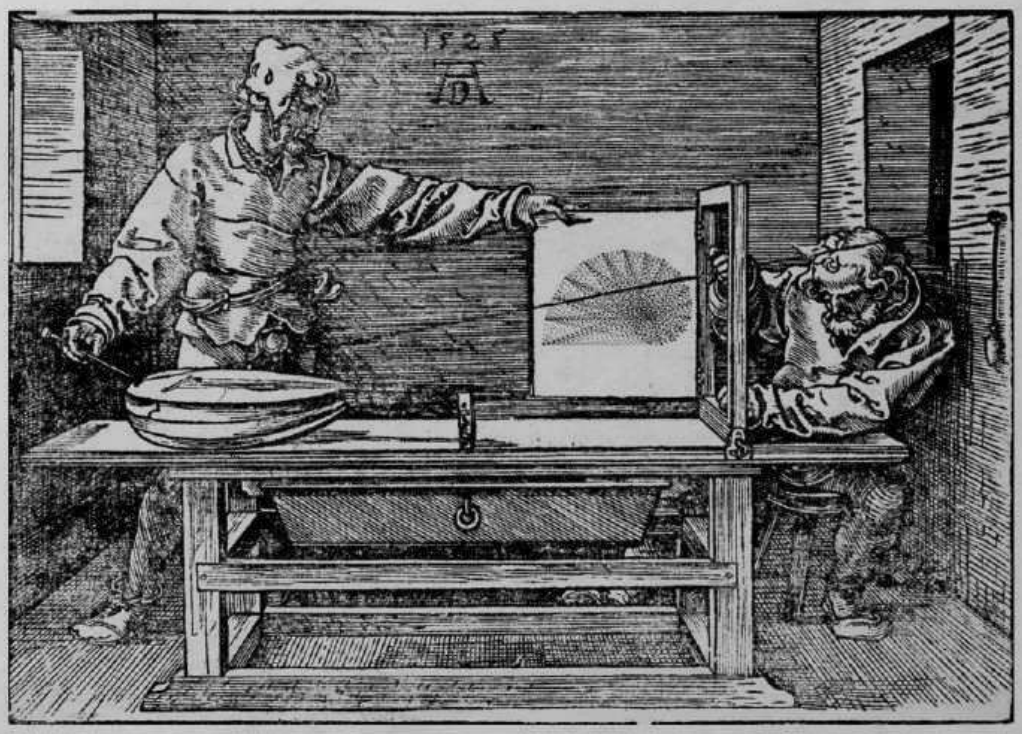
SANDRA MARA
CORAZZA
(ORG.)

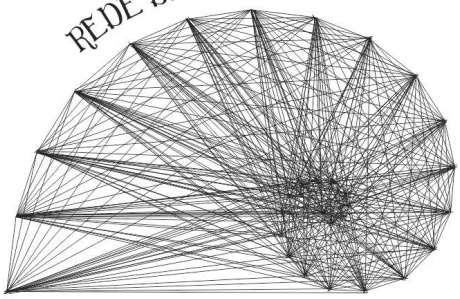


MÉTODOS DE TRANSCRIAÇÃO:

PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA

OIKOS
EDITORA

REDE DE PESQUISA



ESCRILEITURAS

DA DIFERENÇA EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO

APOIO:

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

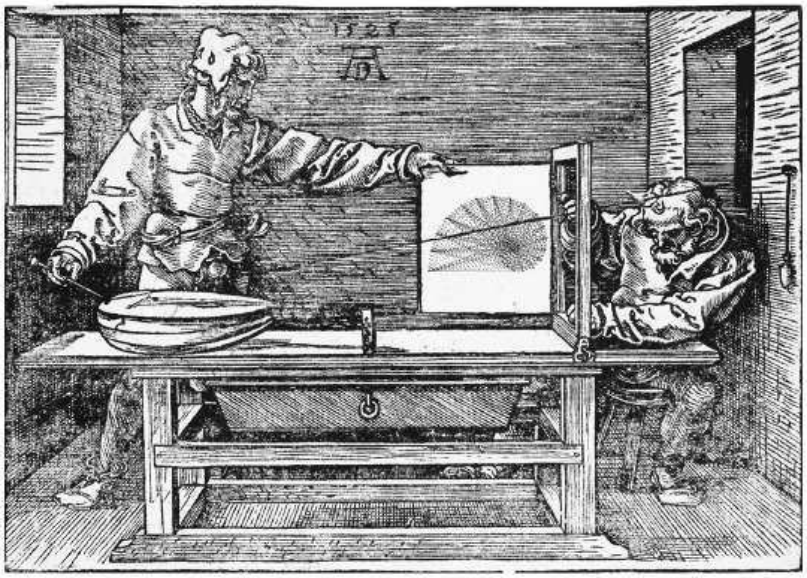
PPGEDU
UFRGS
FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

CAPES

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) via Bolsa de Produtividade 1B 303430/2018-4 (2019-2023).

SANDRA MARA
CORAZZA
(ORG.)



MÉTODOS DE TRANSCRIAÇÃO

PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA

OKOS EDITORA
São Leopoldo
2020

© Dos autores – 2020

Editoração e capa: Fabiano Neu

Imagem da capa: *Man drawing a lute*, de Albrecht Dürer, com intervenção de Fabiano Neu

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Unisinos)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)
Marluza M. Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

M593 Métodos de transcriação: pesquisa em educação da diferença. / Organizadora: Sandra Mara Corazza. – São Leopoldo: Oikos, 2020.
594 p.; il.; 18 x 25cm.
ISBN 978-65-86578-28-7
1. Formação – Professor. 2. Educação – Práticas de pesquisa. 3. Escrileituras – Transcriação – Filosofia da diferença. I. Corazza, Sandra Mara.

CDU 371.13

Catalogação na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Ao BOP de todos os tempos.

SUMÁRIO

I
A PROLUSÃO

13 | METODOSOFIA: CONTRATO DE TRADUÇÃO
Sandra Mara Corazza

II
OS MÉTODOS

37 | ARQUIVAR, CLASSIFICAR, INVENTARIAR:
O CORPO DÍSPAR DA/NA PESQUISA EDUCACIONAL
Angélica Vier Munhoz
Julio Groppa Aquino

59 | EM QUE SE PODE RECONHECER UMA PESQUISA RIZOMA?
NOTAS SOBRE O QUE PODE VIR A SER
Claudia Madruga Cunha

87 | DOCÊNCIA, PESQUISA E APROPRIAÇÃO:
MONTAGEM DE UM MÉTODO NÃO ORIGINAL
Cristiano Bedin da Costa

115 | PROCEDIMENTO GENEALÓGICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO
Deniz Alcione Nicolay

137 | POR UMA (DES)EDUCAÇÃO MUSICAL – UM MÉTODO
Eduardo Guedes Pacheco

159 | MÉTODO DE TIMPANIZAÇÃO: POSSIBILIDADES INVENTIVAS EM OFICINAS DE SAÚDE-EDUCAÇÃO
Emília Carvalho Leitão Biato

181 | ESCREVER O DISCURSO DE OUTROS, COM OUTROS: UMA EXPERIÊNCIA IMANENTE DE ESCRITA-PESQUISA
Ester Maria Dreher Heuser
Adriana Muniz Dias
Roberto Corrêa Scienza

205 | MÉTODO DA JOGATINA: ROUBOS, TRAIÇÕES, LANCES
Fabiane Olegário
Sandra Mara Corazza

225 | AS PEQUENAS RECOLHAS DA *PÓS-DRAMATURGIA DO ENCONTRO*: BREVE INVENTÁRIO DE UM MÉTODO
Fabíola Rahde Fernandes
Eduardo Guedes Pacheco

249 | APRESENTAÇÃO DO CRITÉRIO IMANENTE: POR UMA CRISE DA AVALIAÇÃO
Gabriel Sausen Feil

265 | *INVENTÁRIO [GAGO] DOS PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO*: BLOCO DE CONCEITOS OPERATÓRIOS RIGEEA
Gabriel Sausen Feil
Fabiano Neu Pinto

287 | CAMINHAR, NARRAR, MAPEAR, RELACIONAR E ANALISAR: PROCEDIMENTOS DE UM MÉTODO CARTOGRÁFICO
Gustavo de Oliveira Nunes
Carla Gonçalves Rodrigues

313 | RUMINAR UM ARQUIVO COMO UMA VACA DE NIETZSCHE
Inauã Weirich Ribeiro
Angélica Vier Munhoz

335 | UM SÓ OU VÁRIOS MAPAS?
CARTOGRAFIA DE UMA DOCÊNCIA EM ESTILO ANIMAL
Josimara Wikboldt Schwantz
Carla Gonçalves Rodrigues

361 | PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS DE INVENÇÃO:
A POTÊNCIA DOS SIGNOS DAS ARTES
Karen Elisabete Rosa Nodari
Sandra Mara Corazza

377 | A PESQUISA DIDÁTICA E O MÉTODO DE DRAMATIZAÇÃO
Marcos da Rocha Oliveira

397 | MÉTODO ESPIRITOGRÁFICO: OFIS-SOFIA VALÉRYANA
Maria Idalina Krause de Campos
Sandra Mara Corazza

423 | O MÉTODO SONHOGRÁFICO
Marina dos Reis

451 | *MANIERA MOÎRAI*
Paola Zordan
Anderson Luiz de Souza

475 | MIL MÉTODOS COM A FILOSOFIA DE DELEUZE
Paola Zordan
Martha Narvaz

501 | NOODRAMATIZAÇÃO DO CURRÍCULO:
INVENÇÃO DE UM ARQUIARQUIVO
Polyana Olini
Sandra Mara Corazza

523 | MÉTODO MAQUINATÓRIO DE PESQUISA
Róger Albernaz De Araujo
Sandra Mara Corazza

551 | LABIRINTO OTOBIOGRÁFICO
Silas Borges Monteiro

III

O FECHO

577 | ERA UMA VEZ O QUAD DOCENTE E O MÉTODO AMIGO
Sandra Mara Corazza

IV

OS AUTORES

—

587

RUMINAR UM ARQUIVO COMO UMA VACA DE NIETZSCHE

Inauã Weirich Ribeiro
Angélica Vier Munhoz

Introdução

Este texto é um recorte da dissertação de Mestrado em Ensino intitulada *Práticas de Gênero no Currículo da Univates: uma perspectiva arquivística e imoralista*, realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS). A referida pesquisa foi desenvolvida ao longo dos anos de 2018 e 2019, no Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEnsino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Os movimentos de estudo deram-se junto ao Grupo de Pesquisa Currículo Espaço Movimento (CEM/CNPq/Univates), também vinculado à Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação.

Este artigo tem como propósito apresentar como o verbo *ruminar*, roubado da *Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche (1998), funcionou como um *ethos*, no sentido pensado por Michel Foucault (2013). Com esse intuito, o texto inicia com a seção "A proveniência bovina do verbo *ruminar*"[1]. Em seguida, o texto apresenta "Das escolhas por ruminar", delineando a forma de expressão e de conteúdo da dissertação. Segue com a seção que apresenta o "Currículo imoralista", a partir de algumas noções de Sandra Mara Corazza e Tomaz Tadeu (2003), o que também determinou os caminhos da criação. Na sequência, expõem-se os três "poeminhas da forma": "Ruminar-Arquivar", "Ruminar-(Trans)Valorar" e "Ruminar-Agradecer". Por fim, o ensaio é fechado com "Considerações finais ao Ruminar".

---

1 Este texto também foi apresentado no I Fórum Nacional Itinerante Arquivo, Pesquisa e Docência, organizado pelo Grupo de Pesquisa Currículo Espaço e Movimento (CEM/CNPq) em junho de 2019 na Universidade do Vale do Taquari – Univates.

A proveniência bovina do verbo *ruminar*

Este trabalho aborda uma experimentação arquivística intitulada *Práticas de gênero no currículo da Univates: uma perspectiva arquivística e imoralista*. Como o princípio organizador dessa experimentação arquivística é "gênero", designemos à experimentação o seu gênero: *bos*. De acordo com nossa santa madre Wikipédia, *bos* é "um gênero de mamíferos da família dos bovídeos" (Bos, 2019, texto digital). Que pertence à subfamília *bovinae*. Que pertence à família *bovidae*. Que pertence à ordem *artiodactyla*. Que pertence à classe *mammalia*. Que pertence ao filo *chordata*. Que pertence ao reino *animalia*. Agora, com os dados sobre o gênero do texto, sabe-se a proveniência deste trabalho.

Como sempre há um "é importante" na pesquisa acadêmica, lembra-se que é importante diferenciar a qualidade bovina escolhida para "classificar" esta pesquisa. Como se trata de uma pesquisa de inspiração nietzschiana-foucaultiana, inicia-se a sua caracterização por meio de "nãos". Esta pesquisa não pretende identificar-se como uma encefalopatia espongiforme bovina – a EEB (Encefalopatia, 2019) –, que popularmente é conhecida como "doença da vaca louca". Para isso, há dois motivos: o primeiro é porque, assim como Nietzsche (1998), a pesquisa quer afastar-se "dos ingleses"[2], daqueles do país onde a EEB surgiu; o segundo é porque a EEB é uma doença neurodegenerativa cujos sintomas são desordens comportamentais, tais como apreensão, nervosismo e agressividade, levando ao ponto do sacrifício, já que o corpo não reage aos tratamentos (Encefalopatia, 2019) – algo que, por sua obviedade, se deseja combater e, mais ainda, prevenir.

Outro "não" importante é dado a comódite. Esta pesquisa não se generifica (ou genderiza) como *bos*, como se tivesse como matéria-prima a vaca ou o boi. Não se pretende olhar para as práticas de gênero no currículo da Universidade do Vale do Taquari - Univates como produtos a serem estocados sem perderem a qualidade. Não se definirá o seu valor pelo mercado mundial, muito menos se dará às práticas um preço de acordo com a oferta e deman-

2 Alusão à crítica que Nietzsche faz à compreensão utilitária da moral de alguns autores ingleses na sua obra *Genealogia da Moral* (1998).

da. Nega-se a caracterização de comódite também porque não há graus de industrialização, uniformização da produção ou de produção em larga escala do arquivo das práticas de gênero. Esta pesquisa é olhada por muitas pessoas, mas escrita e pensada por poucas mãos. Por isso mesmo, sua demanda não é contínua. Não é, portanto, uma boa opção de investimento na bolsa de valores, nem alvo direto de investimentos do capital estatal.

Como este trabalho apresenta uma experimentação arquivística de mestrado, há "justificandos" que complementam os "nãos". O seu gênero é bovino não por causa do animal em si, mas por causa do ruminar da vaca de Friedrich Nietzsche (1998). Como mais um "é importante", não nos interessa a vaca, mas o ruminar.

Primeiro, por que não a vaca? Em termos metodológicos, se olharmos para o processo digestivo da vaca, no qual o ruminar se insere, haveria no seu uso uma implicação estruturalizante. Ficaria esta pesquisa presa a um processo único e fechado em si e deixaria de ser o que se pretende, que é "descentrar as 'estruturas', a sistematicidade e a pretensão científica do estruturalismo" (Peters, 2000, p. 10). Teríamos, como uma espécie de alegoria, uma dissertação que se apresentaria como o esterco desse processo digestivo, um esterco pronto para adubar a terra para outras plantas, flores, capins. Na contramão da proposta, pretender-se-ia, com a estrutura digestiva, um modelo a ser seguido. Contudo, não é isto que se quer aqui. O que se quer é "ser quase uma vaca, e não um 'homem moderno'" (Nietzsche, 1998, p. 15). O que se quer é ruminar. Como experimentadores (Mueller-Lauter, 1994), o que nos interessa é o verbo – "a ação é tudo", diria Nietzsche (1998, p. 36). O "agente" – no caso, a vaca – "é uma ficção acrescentada à ação" (Nietzsche, 1998, p. 36) de ruminar.

O ruminar, neste trabalho, está para o verbo *arquivar*. Este, por sua vez, é um dos dois objetivos específicos desta pesquisa. O primeiro foi arquivar práticas de gênero presentes nos documentos oficiais disponíveis no *site* da Univates, e o segundo foi arquivizá-las (Aquino & Val, 2018). Aquele está para o movimento de rastreamento; este está para o movimento de recomposição do arquivo. O arquivamento materializa-se por meio de mapas-tabelas dos documentos rastreados via *site* da Univates, e a arquivização acontece com o seu remapeamen-

to-retabulação, ao ruminar. Ora, mas o que fez essa ação específica de ruminar tornar-se a imagem de pensamento (Deleuze, 2003) para o processo arquivístico das práticas de gênero do currículo da Univates? O projeto de pesquisa foi iniciado por meio do conceito da área do ensino em que está inserido: o currículo. Os primeiros estudos foram as produções desenvolvidas pelo grupo Currículo Espaço Movimento (CEM/CNPq), para que se pudesse compreender e operar com tal conceito. Em meio a esse campo plural de produção epistemológica de currículo, ocorreu a aproximação com a noção perspectivada de currículo imoralista, de Tomaz Tadeu e Sandra Mara Corazza (2003).

Imoralizar o currículo em um texto do gênero *bos* faz a pesquisadora aproximar-se de uma vaca caipira. Isto não é um movimento de escracho do currículo, mas sim, uma fuga do molde de produção exploratória contemporânea do gado. Qualificar a vaca de caipira possibilita olhar para o espaço em que se habita, para os modos pelos quais nele se vive, bem como respirar um ar com menos impacto do gás metano (afinal, a vaca é um animal que contribui com seus gases para a poluição). Outra característica que interessa na vaca caipira é que ela se alimenta de capim, e não de ração.

Como o gênero é *bos* e a pesquisa não quer a vaca como estrutura de investigação, seria a pesquisadora uma vaca? Uma vaca que rumina? Uma vaca que rumina o capim? Uma vaca que rumina o capim-arquivo das práticas de gênero? Uma vaca que rumina o capim-arquivo das práticas de gênero da invernada-currículo? Uma vaca que rumina o capim-arquivo das práticas de gênero da invernada-currículo da fazenda-Univates? Acho que temos aqui um mal de vaca.

Seria a vaca uma arconte (Derrida, 2001)? Uma cidadã grega que detém e denota o poder político e que representa a lei? Acho que não. Mas, talvez, uma arconte brasileira do século XXI, uma vaca experimentadora, alguém que ficciona, inventa e cria (Corazza & Tadeu, 2003), por um artifício retórico de descoberta e produção (Silva, 2017), a lei do que pode ser dito (Foucault, 2009) sobre os capins-arquivos das práticas de gênero do currículo-invernada da fazenda-Univates. E a fazenda-Univates seria o *arkheîon*? Possivelmente. Aquele lugar onde residem os magistrados superiores, as arcontes, ou vacas caipiras, ou, mui-

tas vezes, as leiteiras, ou ainda, aquelas que desejam o abate do frigorífico. Essas arcontes, por sua autoridade reconhecida publicamente, por meio do churrasco e dos laticínios, performam o lugar das guardiãs dos documentos oficiais que são depositados em sua casa, na sua *arkhê* (Derrida, 2001). Além de guardar e depositar os documentos, cabe às arcontes interpretá-los também ou, como uma vaca, ruminá-los. Dessa feita, ao mesmo passo em que o capim-arquivo compõe a invernada-currículo da fazenda-Univates, o capim-arquivo faz a vaca mastigar e ruminar, interpretar o gosto do pasto.

Um "é importante" nesta altura da reflexão impõe a lembrança de não esquecermos que essa vaca arconte caipira é nietzschiana. Por isso, o conhecimento propiciado no *arkheîon* é feito para cortar (Corazza & Tadeu, 2003), assim como os dentes da vaca, depois de enrolar sua língua no capim-arquivo. Mesmo que essa vaca seja domesticada, como é nietzschiana, continua bicho solto (Pitty, 2019) na invernada-currículo, sempre calma e ruminando. Diferentemente de uma filosofia de fachada, a vaca nietzschiana é afeita "ao *otium* e à vida contemplativa" (Nasser, 2014, p. 46). Para tal, ao mastigar o capim-arquivo, a vaca nietzschiana tem seus próprios meios para reconstruir uma cadeia de pensamentos. Nesse movimento de arquivar-ruminar, a vaca é uma espécie de leitora filóloga e leitora intérprete (Nasser, 2014). Como se quer ser quase uma vaca, mastiga-se de maneira calma e sem pressa, busca-se conter a ansiedade, como um preparo necessário (mesmo sendo isto, às vezes, quase impossível).

A vaca filóloga dá-se tempo e quer saber da palavra. Quer entender o que se diz, fica no nível das palavras do capim-arquivo, lê sem se intrometer no andamento do texto da invernada-currículo. A vaca nietzschiana é, ao mesmo tempo, filóloga e intérprete (Nasser, 2014).

Depois de mastigar, rumina. Faz a leitura do documento como uma arte (Nietzsche, 1998) e é adepta a uma arte da interpretação (Nasser, 2014). A vaca caipira reconhece a dimensão fluida, autêntica, do pensamento e, por isso, "exorta a livre imaginação os seus leitores" (Nasser, 2014, p. 52), entusiasma a tarefa do pensamento inesgotável.

O ruminar da vaca está para o método, o compõe como procedimento do "trabalho paciente de volta reiterada ao texto" (Marton, 2018, p. 9). A vaca filóloga, ao enrolar sua língua no capim-arquivo, resgata "o que ficou enterrado sob os barbarismos dos copistas" (Marton, 2018, p. 10) ou burocratas. Como vaca intérprete, tem um entusiasmo criador e pedagógico, com o intuito de tornar sua obra legível (Marton, 2018). A vaca nietzschiana é seletiva; ela escolhe suas leitoras e seus leitores. Ora, é preciso conseguir ouvir e ler que ruminar como uma vaca de Nietzsche é um procedimento analítico.

Das escolhas por *ruminar*

Antes de se escrever o documento da vaca mestranda intitulado "dissertação", foi feito outro documento, intitulado *O que aprendi hoje?*. Este funcionou até iniciar a escrita daquele. Funcionou como uma espécie de diário de pesquisa, talvez mais como um diário de pensamento. Foi escrito conforme a vontade de escrita surgia. Nesse diário temporário, há uma passagem escrita pela vaca-mestranda que aqui é transcrita sem alterações. Localização: quatro de fevereiro de dois mil e dezenove, área de estudos individuais da Biblioteca do Centro Cultural da Univates, dia de trabalho individual. Segue:

> Existe um ponto que vem alguns dias pipocando em mim. O verbo. O convite do verbo. O convite sedutor do verbo. De que diabos falo? Outro dia, na orientação pós-banca, a orientadora convidou-me a pensar em um verbo. Esse é um movimento que ela vem fazendo com suas orientandas e orientandos: escolher um verbo como método. Acho adorável. Como li a dissertação de outras e outros, já havia percebido o movimento do método próprio, só não havia me dado conta de que o mote era o verbo. Gosto muito disso. Dá movimento. Movimento próprio. E, detalhe: é possível escolher o verbo. Isso me seduz. Há dias, venho pensando qual poderia ser o verbo. Mas não o encontro. É escorregadio. É moral. Falta certeza. Outro dia, considerei o dildo; pensei: dildar? Mas percebi que não estou pronta para encarar os efeitos disso. Não com a banca. A maldita banca. Se não fosse a maldita tradição, utilizaria o dildo (Preciado, 2014). Como não há tempo para dildar o arquivo, concedi espaço para pensar outro verbo. Qual? Não faço ideia. Ainda preciso descobrir. Nesse prólogo de Nietzsche, da *Genealogia da Moral*, *ruminar* tornou-se uma possibilidade. É! Ruminar! Como uma vaca. Seria eu, uma arquivista, vaca? Gosto disso! Ruminar o arquivo. Ainda não decidi, entretanto, é uma possibilidade (Diário de pesquisa, 04 de fevereiro de 2019).

O diário citado, *O que aprendi hoje?*, foi uma experimentação de escrita que durou cerca de 40 dias úteis. Tal experimentação permitiu compreender como a escrita poderia ser o meio pelo qual se opera o pensamento. Essa ferramenta de trabalho-estudo gerou uma espécie de angústia da escrita. A sensação utilitária de que o diário "gastava" energias tomou tal proporção que ele deixou de ser escrito. Com essa sensação, a escrita do que foi chamado "dissertação" iniciou-se. Havia uma vontade de uso da *Genealogia da Moral* (1998), de Friedrich Nietzsche, como inspiração estética, e, com isso, decidiu-se que seriam feitas três dissertações e aforismos. A primeira tentativa de produção aforística foi sobre o conceito de arquivo. Entretanto, a necessidade de dissertar sobre o tema era maior do que criar a síntese aforística. Nesse sentido, surgiu o que havia sido chamado de estrutura final da dissertação.

Dessa forma, na escrita de um texto sobre genealogia, percebeu-se que, na definição do vocábulo *gênero* (Haraway, 2004), havia três linhas que poderiam trançar a escrita do texto: *gênero* que provém do termo *geneã* (o mesmo que gera *genealogia*); *gênero* que designa uma categoria gramatical ou literária (uma determinada maneira de escrita); e *gênero* que está para um conceito (Butler, 2017). Essa concepção de gênero, com suas três possibilidades de uso + o entusiasmo nietzschiano para a escrita, qual seja:

> A mim me parece, muito ao contrário, que não existem coisas que mais compensem serem levadas a sério; sua recompensa está, por exemplo, em que talvez se possa um dia levá-las na brincadeira, na jovialidade. Pois a jovialidade, ou, para dizê-lo com a minha linguagem, a gaia ciência, é uma recompensa: um pagamento por uma longa, valente, laboriosa e subterrânea seriedade, uma tal que, admito, não é para todos. No dia, porém, em que com todo o coração dissermos: "avante! também a nossa velha moral é coisa de comédia!" - teremos descoberto novas intrigas e possibilidades para o drama dionisíaco do "Destino da Alma!"; e ele saberá utilizá-las, disso podemos ter certeza, ele, o grande, velho, eterno poeta-comediógrafo da nossa existência!... (Nietzsche, 1998, p. 14).

inspirou o início da elaboração do prólogo da dissertação. Naqueles dias, o texto estava sendo produzido com o intuito de experimentar um modo poético de escrita para o I Fórum Nacional Itinerante Arquivo, Pesquisa e Docência, realizado no auditório da Reitoria do Prédio 9 da Universidade do Vale do Taquari

- Univates. Com o desígnio "avante! também nossa velha moral é coisa de comédia!" (Nietzsche, 1998, p. 14), ao longo de duas semanas, o foco foi o prólogo.

Da apresentação daquele dia, surgiram reflexões, as mais diversas. Uma delas dizia respeito a tomar os estudos deleuzianos sobre a linguagem para compreender o gênero literário *bos* como forma de expressão e forma de conteúdo. Isso, de alguma maneira, fez com que, daquele texto do prólogo, surgisse outra dissertação de mestrado.

Currículo Imoralista

A pesquisa tomou o currículo como um conceito. Não os estudos ou as relações de gênero. Não a instituição. Não os indivíduos. Não a legislação brasileira. Não o contexto político. Não as metanarrativas ou teorias curriculares. Currículo. É neste lugar – conceitual – que a dissertação operou possibilidades de pensar o arquivo das práticas de gênero da Univates. É neste lugar que, do cinza documental à proliferação de cores-sentidos, se escreveu. Currículo. Mas currículo como conceito? Qual conceito? O imoralista.

O currículo foi tomado como conceito: a) porque a linha de pesquisa, Formação de Professores, Currículo e Avaliação, à qual a dissertação se vinculava, prevê um domínio de saberes específicos para desenvolver pesquisa em torno de "estudos do currículo"; b) porque o grupo de pesquisa à qual a dissertação se vinculava o toma como palavra primeira; c) porque, sem um conceito, não há pensamento (Deleuze & Guattari, 2010), logo, não há pesquisa.

A acepção deleuziana e guattariana de conceito compreende que este auxilia na organização do caos mental; afinal, está relacionado a um problema que está relacionado a outros problemas que estão relacionados a outros conceitos. Há, na sua existência, uma encruzilhada de problemas, e, por isso, alia-se a outros conceitos coexistentes. "É assim que, a partir de um plano determinável, se passa de um conceito a um outro por uma espécie de ponte" (Deleuze & Guattari, 2010, p. 27). Os conceitos possuem componentes que podem ser tomados como outros conceitos, o que os faz infinitos e múltiplos. O movimento de ir de um conceito ao outro é um ato de pensamento. Assim, ao utilizarmos conceitos para operarmos nossos

problemas, há uma reativação que inspira a criação de outros conceitos. Operar um conceito como ato de pensamento é uma experimentação da sua multiplicidade; um ato de pesquisar; uma maneira de pensar; um *ethos* (Foucault, 2008); uma ética.

O currículo pode ser conceituado em meio às diversas teorizações que em torno dos "estudos do currículo" foram produzidas. Contudo, não se pretende aplicá-las aqui, pois esse modo de pensamento teorizador parte da "suposição de que a teoria 'descobre o real', de que há uma correspondência entre a 'teoria' e a 'realidade'" (Silva, 2017, p. 11, grifos do autor). Nessa abordagem de "aplicação de teorias", há a noção de que "a teoria representa, reflete, espelha a realidade" (Silva, 2017, p. 11), na mesma medida em que compreende currículo de forma cronológica e ontológica, o que se torna incoerente em uma abordagem genealógica. Além disso, o currículo ao modo das teorias é uma espécie de projeto moral com o qual se busca organizar o conhecimento por meio de formas específicas e pela transmissão de valores (Corazza & Tadeu, 2003).

Esse empreendimento moral a que aspiram as teorias de currículo tomam como componentes, segundo Corazza e Tadeu (2003), o conhecimento e a verdade, o sujeito e a subjetivação, o poder e as suas relações, os valores e seus critérios. O componente de conhecimento e verdade está associado aos conteúdos que um currículo determina ser ensinado e, portanto, à escolha de qual conhecimento é mais válido ou verdadeiro. O segundo componente, de acordo com os autores, são as concepções de sujeito, pois se prevê uma determinada maneira de ser ou de tornar alguém um sujeito por meio de um percurso de aprendizagem. O terceiro, por sua vez, está para as formas pelas quais os processos de ensino e aprendizagem devem acontecer, ou seja, por meio de quais relações de poder um determinado sujeito deve ser ensinado ou deve aprender. O quarto componente envolvido, na concepção curricular de Corazza e Tadeu (2003), são os valores e os seus critérios, em geral transcendentais, já que possuem um determinado ideal a ser atingido.

Em termos genealógicos, tomar o currículo como conceito faz operacionalizá-lo diferentemente da grande maioria das teorizações curriculares. O pensamento genealógico faz compreender o currículo como um discurso. Faz olhar

para uma dada abordagem histórica e perceber de que maneira, em determinado espaço e tempo, um currículo foi/é produzido. Nessa perspectiva, percebe-se o currículo de forma localizada. "O caráter essencialmente local da crítica indica na realidade algo que seria uma espécie de produção teórica autônoma, não centralizada, isto é, que não tem necessidade, para estabelecer sua validade, da concordância de um sistema comum" (Foucault, 2013, p. 265). Assim, para a genealogia, o currículo poderia ser um arquivo, uma vez que, ao modo foucaultiano, é materialidade e produz sentidos conforme a sua raridade e condições de possibilidade.

Tomar o currículo em um *ethos* genealógico talvez seja compreendê-lo de forma nietzschianamente imoralista (Corazza & Tadeu, 2003). Nessa perspectiva, a *Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche (1998), provocou outro modo de pensar na pesquisadora, tal como se busca compreender a seguir.

Esse texto de Nietzsche tem um caráter de provocação aos "homens do conhecimento", seja no que se refere à abordagem do "conhecer a si mesmo", seja em torno da origem do que chamou de preconceitos morais. Nietzsche afirma, nesse texto, a sua abordagem genealógica como "uma" vontade fundamental de conhecimento, não como "a" vontade fundamental do conhecimento. É esse lugar que marcou o caráter perspectivado de seu pensamento contra uma verdade absoluta:

> com a necessidade com que uma árvore tem seus frutos, nascem em nós nossas ideias, nossos valores, nossos sins e nãos e ses e quês – todos relacionados e relativos uns aos outros, e testemunhas de uma vontade, uma saúde, um terreno, um sol. – Se vocês gostarão desses nossos frutos? – Mas que importa isso às árvores! Que importa isso a nós, filósofos!... (Nietzsche, 1998, p. 8).

Depois da afirmação de uma perspectiva singular, Nietzsche (1998) direcionou sua crítica e apresentou seu problema central em relação à origem do bem e do mal, ironizando a noção de *a priori* kantiana:

> minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico – quanto à "solução" que encontrei então, bem, rendi homenagem a Deus, como é justo, fazendo-o Pai do mal. Era isso o que exigia meu "a priori" de mim? Aquele novo e imoral, pelo menos imoralista "a priori", e o "imperativo categórico" que nele falava, tão antikantiano, tão enigmático, ao qual desde então tenho dado atenção, e mais que atenção? (Nietzsche, 1998, p. 9).

Nesse movimento imoralizador, Nietzsche tirou o mal do mundo e "colou-o" a Deus. Esse movimento faz compreender que moral e teologia são campos diferentes e, portanto, colocam outros problemas. É dessa libertação que surge a Nietzsche seu problema de outra maneira:

> sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor "bom" e "mau"? E que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (Nietzsche, 1998, p. 9).

O problema nietzschiano em torno da moral passou a ser colocado fora do lugar teológico (bem e mal), ligado a Deus, metafísico, e foi trazido para "este mundo" (bom e mau), posto ao lado dos homens (e mulheres?), responsabilizando-os; foi colocado na ordem material, física, das coisas. Com essa noção de que teologia e moral são campos diferentes, Nietzsche, ainda na referida obra, criticou outras obras contemporâneas à sua, as quais também se debruçaram sobre estudos a respeito da moral e dos valores. Afirmou-as improváveis, disse que por isso havia a necessidade de substituí-las por outras, mais prováveis, em subsituição de um erro por outro.

Para Nietzsche (1998), os valores de compaixão, abnegação, sacrifício, que apareciam nessas outras obras contemporâneas à sua (de Paul Ree, de Arthur Schopenhauer, etc.), eram entendidos por seus autores como "valores em si" de forma idealizada; como sintoma da cultura europeia daquela época, idealizá-los seria contra a vida, pois considerou esses valores sintomas de "não-valor", um niilismo, um esvaziamento dos sentidos em torno deles, uma crença em nada.

Envolto pela ideia de crítica à compreensão que se tinha até então dos valores morais, Nietzsche (1998) apresentou seu projeto imoralista de questionar o valor dos valores. Afirmou que, para isso, era necessário conhecer as condições nas quais os valores nasceram – empreendimento que até então (século XIX) não havia sido feito. Afinal, os valores eram compreendidos como "dados", efetivos, "além de qualquer questionamento" (Nietzsche, 1998, p. 12).

> E se o contrário fosse a verdade? E se no "bom" houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às expensas do futuro? Talvez de maneira mais cômoda, menos

> perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos?... (Nietzsche, 1998, p. 13).

Para que a abordagem tivesse um caráter "mais provável", o filósofo utilizou-se do cinza genealógico para que pudesse constatar efetivamente a "quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano" (Nietzsche, 1998, p. 13). Nietzsche operacionalizou a documentação não como o lugar da verdade absoluta sobre a moral, mas como materialidade que permitiu a repetição e localização, ao longo da história, das verdades morais. Do seu cinza genealógico, Nietzsche dionisiacamente produziu cores-sentidos sobre o valor dos valores morais por meio da escrita aforística e propôs aí o ruminar como modo de leitura imoralista, contra o feitio leitor do "homem moderno", moralista.

Com inspiração na obra de Nietzsche (1998), Corazza e Tadeu (2003) apresentaram o conceito de currículo imoralista. Assim, os quatro componentes das teorias curriculares – o conhecimento e a verdade, o sujeito e a subjetivação, o poder e as suas relações, os valores e seus critérios – citados anteriormente, de acordo com os autores, foram transformados em questões por meio de uma abordagem que se movimenta com "o perspectivismo, a visão interpretativa da verdade, a crítica do sujeito, o questionamento do pensamento identitário, a força e o poder como elementos formadores e constitutivos" (Corazza & Tadeu, 2003, p. 36). A verdade passou a ser compreendida como uma invenção, uma atividade produtiva. Contudo, essa produção da verdade não é em direção a uma verdade absoluta. Ao contrário, é uma multiplicação de perspectivas, divergentes e refratárias. A verdade é uma ficção, sem ser oposto de realidade. A produção de verdade foi tomada como: "dar sentido, valorar – conhecer – são atividades que exigem, implicam a aplicação de forças. Puxa pra lá, puxa pra cá: sentidos. Dizer 'é isso' não supõe a existência de um 'isso', mas a existência da capacidade, do poder, de dizer 'é isso'" (Corazza & Tadeu, 2003, p. 41). No caso do sujeito que gramaticalmente é imposto de forma tirana ao verbo, à ação, no pensamento perspectivado, passa a ser considerado

uma suposição da gramática, e não uma substância, elemento transcendental ou ponto originário da ação. No lugar do sujeito, o devir-sujeito: multiplicidade. O componente dos valores que, em geral, são compreendidos como ideais, dotados de essências, em outra direção, transvalora-se, torna-se uma opção, uma possibilidade. Assim, o valor é pensado pela sua valoração.

> A genealogia coloca o moralismo contra a parede: quem atribuiu este valor ao valor? O valor é posto, imposto, instituído. A questão é: para quem o valor é um valor? O valor, tal como conhecimento, não pertence ao campo da transcendência, mas ao campo da invenção. Em que circunstâncias criou-se determinado valor? Que forças estiveram em luta na sua criação e imposição? Por que esse valor e não outro? A genealogia não dá tréguas à tendência que o moralismo tem para a naturalização. O cinza-terra da genealogia contra o azul-celeste do moralismo (Corazza & Tadeu, 2003, p. 45).

Pensar a valoração de um valor não é entendê-lo como inválido. Esse "colocar o moralismo contra a parede" é um movimento de expor as condições em que os valores vigoram. Afinal, "um valor deve saber o seu lugar" (Corazza & Tadeu, 2003, p. 45) para que exista espaço para outros e novos valores. O último componente, o poder, em um currículo imoralista, é compreendido como "um ato de força, de imposição de sentido" (Corazza & Tadeu, 2003, p. 47). É a luta política pelo sentido das coisas do mundo.

O currículo imoralista, portanto, transvalora os componentes tradicionais das teorias curriculares. O currículo imoralista é perspectivado, é escrita, interpretação, "operação de recorte e colagem" (Corazza & Tadeu, 2003, p. 50), um desdobramento da diferença, uma espécie de jogo. Um currículo imoralista é aquele que, genealogicamente, se "coloca frente ao 'tu deves' moral" (Munhoz & Costa, 2014, p. 425) e pergunta: quem diz que deve, por quê, de que modo, quando, onde, que valor isso tem e por que não outro?

Se, em geral, um currículo pode ser composto por verdades, ideais de sujeito, valores e relações de poder, de que maneira o currículo das práticas de gênero da Univates pode ser imoralizado? O conceito de currículo, para a dissertação, foi transvestido em invernada, um "pasto de longa extensão, cercado de obstáculos naturais ou artificiais, que se destina ao descanso, à engorda de animais ou ainda a outros fins" (Houaiss & Villar, 2009, p. 1105). Dessa forma, o cinza genealógico, o capim-arquivo, compõe

grandes extensões de condições de possibilidade para a emergência de determinadas práticas de gênero, localizadas por meio de menus-porteiras nos mapas-tabelas.

Afirmar o currículo como imoralista implica a afirmação, o reconhecimento de que arquivar e arquivizar os documentos institucionais como se apresenta aqui são uma perspectiva de olhar para o currículo das práticas de gênero da Univates "como uma versão ou uma interpretação particular entre as muitas que poderiam igualmente ser forjadas ou fabricadas" (Corazza & Tadeu, 2003, p. 50). Diferentemente da defesa de um empreendimento moral específico, essencialista, que se pretende mais verdadeiro, tomar as práticas de gênero por meio de um currículo-invernada-imoralista é buscar compreender como foram e são performadas na instituição e eventualmente transvalorá-las para novos modos.

> Por essa perspectiva, mais importante que os valores em si é o questionamento dos modos através dos quais são enunciados, as posições, os tempos e os espaços que engendram através das relações de poder que eles encarnam e que legitimam a sua instauração e manutenção em detrimento a outros (Munhoz & Costa, 2014, p. 435).

Trata-se, pois, de reconhecer o que está aí como condições de possibilidade para a criação, a invenção de novos valores mais prováveis do que outros. O currículo imoralista é um arquivo, matéria e movimento, partícula e onda, com o qual, ao mesmo passo em que se suspendem os enunciados que emergem nos documentos, há a produção de questionamento, a fim de transvalorar os discursos que ali são produzidos. Sendo assim, o currículo das práticas de gênero na dissertação é o ruminar, mas, muito mais do que o enquadramento mapeador das tabelas, é o seu movimento produtor de sentidos por meio da produção de perguntas sobre os capins-ditos enrolados na língua da vaca.

Ruminar-Arquivar

Como experimentação do currículo imoralista das práticas de gênero da Univates, o arquivo foucaultiano foi tomado como um procedimento. Para Foucault (2009), o arquivo é "a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares" (p. 147).

Assim, os documentos públicos no *site* da Universidade do Vale do Taquari – Univates foram compreendidos como condições de possibilidade para a emergência de enunciados de gênero, ao passo que práticas de gênero funcionaram como um princípio organizador do processo de arquivamento.

As noções de arquivamento e arquivização de Júlio Groppa Aquino e Gisela Maria do Val (2018) orientaram a experimentação do arquivo. O arquivamento foi pensado como um processo em que há uma "tarefa de reordenação transversal das fontes, por meio das (re)montagens das lacunas discursivas em torno de determinados problemas concretos abrigados no e pelo arquivo" (Aquino & Val, 2018, p. 49). O arquivamento foi realizado mediante a organização dos enunciados em tabelas para que se pudesse visibilizar a lei do que pôde ser dito em torno de gênero na documentação da Univates.

Em outra direção, com a documentação já arquivada, o processo de arquivização (Aquino & Val, 2018) possibilitou operar os enunciados de gênero em uma direção imoralista, cuja intencionalidade os considerou enquanto valores. Nesse sentido, compôs-se um novo arquivo por meio de um processo de imaginação recriadora, já que não havia, por parte da instituição, um currículo de gênero. Este, por sua vez, foi inventado experimentalmente por meio do Ruminar.

O envolvimento nos estudos de arquivo e a vontade de estética das três dissertações suscitaram, ao longo do mês de junho de 2019, o abandono da forma aforística de escrita e proporcionaram a produção de uma segunda estrutura final da dissertação. Com isso, aquelas vacas que resistiram à leitura dos prólogos foram convidadas a deparar-se com três dissertações. Uma é teor-ética e foi nomeada de "Perspectiva". Esta designa o lugar de pensamento do qual se parte para compor um arquivo. A segunda dissertação é a que interessa publicamente. Seu nome: "Arquivo". É o centro do ruminar. Outrora, a última dissertação é o que, para muitas e muitos, deveria estar, no texto, antes. Em seu prelúdio, em seu prefácio, em sua introdução. Designou-se a ela o último ruminar, pois diz daquilo que pouco se observa: dos lugares, das paixões e dos encontros ao ruminar. Ao fim, seu nome: "Contigo-e-sigo".

A primeira dissertação foi operacionalizada com o poeminha da forma Ruminar-arquivar, que segue:

Enrolar a língua no capim: uma introdução de tema
Mastigar rapidamente: uma pergunta
Engolir: mandar produzir um bolor do tema
Deglutir: uma pergunta de aplicação
Ruminar: arguição

Engolir novamente: isto não é um ponto final "."

O poeminha da forma foi tomado como um *ethos* (Foucault, 2008), como uma atitude de pesquisa, uma maneira de pensar, sentir, agir, conduzir uma tarefa (Lobo, 2012). Utilizou-se o texto do início deste artigo como disparador para a criação do poema. Somado às influências nietzschianas e às foucaultianas e às butlerianas e às deleuzianas, considerou-se como elementos de escrita aquilo que é perceptível "a olho nu" no ato de ruminar da vaca (enrolar a língua no capim → mastigar rapidamente → engolir → deglutir → ruminar → engolir novamente). Em seguida, a produção de perguntas foi tomada como forma de impulsionar o pensamento. Por fim, a criação de pontes, entre um ponto e outro, serviu para afirmar os movimentos de pesquisar (uma introdução de tema → uma pergunta → mandar produzir um bolor do tema → uma pergunta de aplicação → arguição → isso não é um ponto final). Mastigar rapidamente e deglutir são aqueles movimentos que funcionaram por meio da produção de perguntas, as quais foram usadas nas três dissertações com o intuito de fazer do ruminar um *ethos* de questionar. O questionamento, no sentido nietzschiano, é o corte que se faz no saber para a produção de outros sentidos. Assim, as perguntas foram impulsionadoras do problema central desta pesquisa: de que modo o currículo da Universidade do Vale do Taquari - Univates vem performando práticas de gênero?

O poeminha da forma 1 permitiu, por meio do *ethos*, ruminar a absorção de nutrientes necessários para a operação arquivística. Dessa forma, com novos nutrientes para a procedimentação do pensar, foi possível retomar o *ethos* inicial e produzir um novo.

Ruminar-(Trans)Valorar

De que modo a nutrição bovina pós-estruturalista pôde produzir um novo *ethos* para o habitat da vaca nietzschiana? A vaca caipira tomou o ruminar 1 do prólogo da *Genealogia da Moral,* de Friedrich Nietzsche (1998). Após os estudos de arquivamento, para que se pudesse continuar operando o pensamento, buscou-se, em outros pastos nietzschianos, compreender como o seu ruminar funciona. Nesse intuito, longe de querer ser compreendida na sua totalidade, diferentemente do afã leitor do homem moderno, a vaca imoralista escolheu aqueles com quem dialogar. Selecionou aqueles que têm ouvidos aparentados (Mueller-Lauter, 1994), pois o ruminar como modo de leitura indica uma maneira própria de (re)construir uma cadeia de pensamentos.

O ruminar busca, de alguma forma, ler o autor tal como queria ser lido (Marton, 2018); ler o documento tal como as suas informações indicam ao serem lidas. Dessa feita, ruminar como modo de ler um autor ou um documento indica um demorar-se sobre os ditos tal como estão aí, no mundo. O ruminar é afeito ao "*otium* e à vida contemplativa" (Nasser, 2014, p. 46). É um demorar-se sobre aquilo que é interessante.

O imoralizar caracteriza-se, pelo exercício filológico (Marton, 2018), em um sentido de voltar reiteradamente para o mesmo documento, querendo saber da palavra (Nietzsche, 1998), das coisas efetivamente ditas (Foucault, 2012). Nesse modo de ler filológico, não há a necessidade de "lançar mão de algum expediente que o exceda" (Nasser, 2014, p. 36), coisa nomeada de "triangulação de dados". Imoralizar, no sentido nietzschiano, também implica uma leitura interpretativa, mas não no sentido de "cruzar os dados" com a cultura do pesquisador. Ao contrário, interpretar, no sentido do seu ruminar, é um transvalorar.

O filólogo como mastigador (cortar, suspender os enunciados), o ruminar como interpretar – o segundo movimento é uma arte da interpretação. Nesse movimento, há uma impostura, no sentido de não se submeter ao modo de ler dos outros. Há nisso um distanciamento da submissão ao pensamento alheio (Nasser, 2014). Na leitura intérprete, o ruminar é um modo de escrita que evita excessos interpretativos, mas não inibe a interpretação

criadora daquele que escreve. Portanto, no cuidado filológico, em um sentido de demorar-se sobre as palavras, e no cuidado intérprete de evitar o excesso, há o entusiasmo do pensamento inesgotável.

O mastigar como movimento filológico e o ruminar como movimento interpretativo permitiram qual modo de operar o arquivo? Novamente, somada às influências nietzschianas e foucaultianas e butlerianas e deleuzianas, há a proposição de um segundo Poeminha da forma, Ruminar-(Trans)Valorar**:**

Enrolar a língua no capim: suspensão do enunciado
Mastigar rapidamente: uma pergunta de localização
Engolir: descrição topológica
Deglutir: uma pergunta imoralista
Ruminar: (trans)valorar

Engolir novamente: proposição de problemas "?"

Os elementos considerados foram: capturar os enunciados em meio ao capim (enrolar a língua), cortar as práticas de gênero (mastigar rapidamente) de maneira localizada, descrever topologicamente como modo de absorção dos ditos (engolir), questionar o modo como se apresenta no capim (deglutir, imoralizar) e, ao fim, transvalorar por meio da interpretação insubmissa ao valor das práticas de gênero, para que haja a produção de um problema.

Assim, de um lado, segue enrolar a língua no capim → mastigar rapidamente → engolir → deglutir → ruminar → engolir novamente como movimentos visíveis da ruminação bovina e de outro a suspensão do enunciado → uma pergunta de localização → descrição topológica → uma pergunta imoralista → transvalorar → proposição de um problema "?" como movimento de arquivização, de imaginação-montagem do currículo-invernada da fazenda - Univates.

Nessa jogatina bovina, a experimentação do arquivo possibilitou um segundo modo de ruminar. Essa segunda fase procedimental da arquivização

esteve para a imaginação recriadora, com a qual é oportunizado "o encontro não somente com os papéis inertes da história, mas com potências ativas, na qualidade de pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias, dada sua capacidade de produzir desvios" (Aquino & Val, 2018, p. 50). Buscou-se, na arquivização-ruminar-(trans)valorar, suspender os enunciados como acontecimentos e como parte de séries que formaram novas séries de cores-sentidos.

Ruminar-Agradecer

A terceira dissertação, intitulada "Contigo-e-Sigo", apresentou um pouco dos afetos que contribuíram para a escrita do texto. Ganhou esse título porque "ninguém solta a mão de ninguém". Então, apresentaram-se nomeadamente aquelas, aqueles e aquelxs que são parte fundamental da pesquisa. Como *ethos* do tchau, a dissertação foi escrita por meio do Poeminha da forma 3 Ruminar-Agradecer.

Lamber a fazenda, uma das invernadas ou a outra vaca: Apresentar fazenda ou vaca.
Saborear seu gosto: o que me ensinou?
Engolir o seu sentido: contigo.
Deglutir um saber: o que aprendi?
Ruminar uma outridade: assim sigo.

Engolir novamente: sigo agradecida "Mu"

O último poeminha tomou, na primeira coluna, os momentos do ruminar da vaca e, na segunda coluna, um processo de ensinar e de aprender para, ao fim, agradecer. Assim, em itálico, segue o mesmo processo de ruminar da vaca, como nos outros dois ruminares, mas agora não o ruminar do capim-arquivo-documental, e, sim, o ruminar da lambida naquelas vacas afetadas e afetadoras da pesquisa. O Ruminar-Agradecer apresentou um nome → perguntou: o que me ensinou? → respondeu → perguntou novamente: o que aprendi? → respondeu dos afetos → e, por fim, agradeceu: sigo agradecida "Mu".

Considerações Finais do Ruminar

O movimento de ruminar permitiu arquivar as práticas de gênero, por meio das repetições enunciativas encontradas nos documentos institucionais, para compor outro currículo dessas práticas: o currículo-invernada da fazenda-Univates. Um currículo que existe por meio do movimento de ruminar no documento dissertativo e que não pretendeu ser verdadeiro, mas ter um caráter inventivo e afirmativo do pensamento inesgotável sobre as coisas do mundo. Nesse ínterim, a vaca figurou como uma marca da invenção das coisas e como uma lembrança incessante de que a existência do gênero se dá pela sua ação reiterada e afirmativa: por sua performatividade. Assim sendo, nada mais há – neste momento – a dizer.

Referências

Aquino, Júlio Groppa, & Val, Gisela Maria do. (2018). Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. *Pedagogía y saberes*, 49, 41-53.

Bos. (2019). *Wikipedia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bos. Acesso em: jun. 2019.

Butler, Judith. (2017). *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. (13a ed.). (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Sujeito e História)

Corazza, Sandra Mara, & Tadeu, Tomaz. (2003). Dr. Nietzsche, curriculista - com uma pequena ajuda do Professor Deleuze. In: Corazza, Sandra; Tadeu, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica.

Costa, Cristiano Bedin da, & Munhoz, Angélica Vier. (2014). Genealogia e imoralidade: o currículo entre experimentações nômades e estratificações sedentárias. *Revista Linhas*, 15 (29), 423-437, jul./dez.

Derrida, Jacques. (2001). *Mal de Arquivo*: uma impressão freudiana. (C. M. Rego, Trad.). Rio de Janeiro: Relume Duramá.

Deleuze, Gilles. (2003). *Proust e os signos*. (2a ed.). (A. Piquet & R. Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. (2010). *O que é filosofia?* (3ª ed.). (B. Prado Júnior & A. A. Muñoz, Trad.). São Paulo: Editora 34. (Coleção TRANS)

Encefalopatia, espongiforme bovina. (2019). *Wikipedia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Encefalopatia_espongiforme_bovina. Acesso em: jun. 2019.

Foucault, Michel. (2009). *A Arqueologia do Saber*. (7a ed.). (L. F. B. Neves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, Michel (2012). *A Ordem do Discurso*: Aula inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. (22a ed.). (L. F. A. Sampaio, Trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Leituras Filosóficas)

Foucault, Michel. (2013). Nietzsche, a genealogia e a história. (p. 55-86). In: Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. (27a ed.). (R. Machado, Org., Int., Rev.). São Paulo: Graal.

Foucault, Michel. (2008). O que são as Luzes. In: Foucault, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (2ª ed.). (E. Monteiro, Trad.). Rio de Janeiro, Forense Universitária. (Ditos e escritos; II)

Haraway, Donna. (2004). 'Gênero' para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22, 201-246.

Houaiss, Antônio, & Villar, Mauro de Salles. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva.

Lobo, Lilia Ferreira. (2012). Pesquisa: A genealogia de Michel Foucault. *In*: Fonseca, Mara Galli Fonseca; Nascimento, Maria Lívia do; Maraschin, Cleci (Orgs.). *Pesquisar na diferença*: um abecedário. Porto Alegre: Sulina.

Marton, Scarlett. (2018). Ler Nietzsche como "nietzschiano": Questões de método. *discurso*, 48 (2), 7-24.

Mueller-Lauter, Wolfgang. (1994). Uma filosofia para ruminar. *Folha de São Paulo*. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/09/mais!/9.html. Acesso em: jun. 2019.

Nasser, Eduardo. (2014). Nietzsche e a busca pelo seu leitor ideal. *Cad. Nietzsche*. São Paulo, 1 (35), 33-56.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. (1998). *Genealogia da moral*: uma polêmica. (P. C. Souza, Trad., Not., Pósfácio). São Paulo: Companhia das Letras.

Peters, Michael. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção Estudos Culturais).

Pitty. (2019). Bicho Solto. Álbum *Matriz*.

Preciado, Paul Beatriz. (2014). *Manifesto Contrassexual*: Práticas subversiva de identidade sexual. (M. P. G. Ribeiro, Trad.). São Paulo: n-1 edições.

Silva, Tomaz Tadeu. (2017). *Documentos de Identidade*: Uma introdução às teorias do currículo. (3a ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.